

RESENHAS

Quem Conta um Conto. . .

COELHO, Betty. *Contar histórias — Uma arte sem idade.*

São Paulo, Ática. 1986, 78 p.

Existem livros que nos invadem, que enchem a nossa cabeça de planos e projetos, que excitam nossas emoções e nossa mente. Geralmente são livros de poesias, de histórias fantásticas, de aventuras, de viagens, de ficção, enfim. . .

O livro de Betty Coelho consegue tudo isso, mesmo sendo simplesmente, à primeira vista, um livro técnico, didático, que passaria modelos, receitas, conselhos.

Quem fugiu da leitura por causa disso, perde uma boa oportunidade de se ver desafiado a vivenciar algumas das possibilidades que a autora descreve, a partir de sua vasta experiência como contadora de histórias para crianças e adultos, em situações e locais, os mais variados: em bibliotecas, salas de aula, hospitais, praças públicas, casas de detenção, etc.

Quem se interessar pelo livro exatamente porque tem "modelinhos" e "receitas", vai se frustrar, pois não encontrará coisas prontas e acabadas, certezas e dogmas. A única garantia que Betty oferece é o seu testemunho e o seu exemplo de que contar histórias é uma experiência fascinante.

Talvez a atração que "contar histórias" exerce, esteja nas constantes referências que a autora faz a histórias e livros para crianças, num jogo de mostrar e esconder que mantém o leitor em contínua expectativa, alternando momentos de euforia e de anticlímax: as histórias não estão completas, os livros referenciados não estão todos à mão, que vontade de reler algumas histórias, este livro eu vou comprar!

Talvez o fascínio esteja no desafio que o convite implícito e explícito, de também contar histórias, lança ao leitor. Muitos de nós já contamos, mais ou menos bem, não

importa, alguma fábula, algum conto de fadas, algum sonho a crianças ou a outros adultos. Mas todos nós que ouvimos na nossa infância alguém nos narrando uma história, ou que lemos um livro motivados pelo entusiasmo de alguém, sabemos da emoção que vai nos invadindo, do clima mágico que se vai criando, da viagem que fazemos envoltos na fantasia. E a possibilidade de criar este mundo mágico, de propiciar estes momentos às nossas crianças, vai excitando nossa imaginação e nos entusiasma a fazer planos e projetos.

Que não são impossíveis e que podem se concretizar, se o leitor se dispuser a "cair na real" e aí sim, seguir os conselhos de Betty: contar histórias é uma arte que exige estudo, preparação, dedicação, muita leitura e criatividade aliados, é óbvio, a um gostar muito, tanto de literatura, quanto de gente.

E então seguir os capítulos do livro, numa 2ª leitura, um a um, parando para pegar um dos livros de histórias citadas, experimentando fazer o sugerido, mentalmente já estudando ou se preparando para contar a história para os filhos ou os irmãos menores, pegos como "cobaíais".

Os capítulos do *Contar histórias*, simples e breves, em linguagem muito despretenhiosa, são 5, nesta seqüência: no primeiro, "Escolha da história", temos que decidir qual será a narrativa; no segundo, "Estudo da história infantil", nos vemos decifrando e explorando a história escolhida; no terceiro, selecionamos a "Forma de apresentação" entre as sugeridas pela autora; no quarto, treinamos "A narração da história", tomando alguns dos cuidados indicados; no quinto, já estamos envolvidos em algumas das "Atividades a partir da história", dramatizando ou

brincando de mímica, desenhando ou criando outro texto.

Pausa para ler o apêndice, duas "Histórias adaptadas para dramatização", e bibliografia, que ninguém é de ferro. . . mas lá tem aquela historinha ótima, a "Maria vai

com as outras", da Sílvia Orthof, que daria para contar para. . .

Não sei se aumentei um ponto, mas quem gostou. . . que conte outra!

Tânia Maria Piacentini

TERRA LIVRE n.º 2 (O ensino da Geografia em questão e outros temas), Marco Zero/AGB, São Paulo, julho de 1987.

A Geografia vive desde 1978, ano do III Encontro Nacional de Geógrafos, um período de intensa efervescência. Entre os profissionais que atuam nesta área do conhecimento, cresce a consciência da necessidade de uma mobilização ampla no sentido de proceder a uma avaliação crítica da Geografia, definindo seus rumos na direção do compromisso social e da competência profissional.

Muito embora já se possa detectar uma visível e substantiva transformação em alguns campos da teoria e da prática geográfica, é necessário que não se fique esperando por uma solução "milagrosa" saída da universidade ou dos "grandes centros" do País.

É neste sentido que a publicação *Terra Livre* apresentada pela AGB (Associação dos Geógrafos Brasileiros), a partir deste número em co-edição com Marco Zero, representa uma importante contribuição ao encaminhamento de uma Geografia mais viva e atuante. Este número 2, de julho de 1987, é dedicado ao ensino da Geografia, reunindo sete artigos dos quais apenas dois não versam diretamente sobre a temática. Foram escritos por profissionais com larga experiência em Educação, dispostos a romper com o enciclopédismo e a fragmentação que caracteriza a Geografia nos diferentes níveis de ensino.

O texto inicial *Reflexões sobre a Geografia e a Educação: notas de um debate*, originou-se de palestra realizada em 1984 na Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (SP) por Carlos Walter Porto Gonçalves (professor do Departamento de Geografia da PUC-RJ) durante um treinamento para professores de Geografia. Neste artigo, tão rico para o momento em que se deseja imprimir um novo rumo à Geografia, Carlos Walter propõe uma profunda reflexão sobre a nossa prática enquanto professores de Geografia, capaz de analisar nossa rotina de tra-

balho e de discutir os obstáculos que defrontamos. O autor, muito oportunamente, lembra que "a prática do cotidiano, na sua simplicidade acaba por escamotear questões complexas" e a reflexão sobre a prática precisa ser reconhecida como parte integrante desta, para que não se opere com uma nova dicotomia: durante o ano *fazemos*; nos encontros *refletimos*. "Prossigue analisando o momento de constituição da Geografia e o perigo de se estabelecer fronteiras com as demais ciências provocando a fragmentação do conhecimento": "o geográfico é uma dimensão e não a dimensão da realidade". Ao lembrar os fundadores da ciência geográfica, Carlos Walter destaca ainda o engajamento destes diante das questões de sua época, sua participação nos debates filosóficos do seu tempo e provoca: "Estamos nós acompanhando o debate filosófico do nosso tempo?"

Sua proposta para superar o geografismo é considerar o próprio objeto de estudo da Geografia (o esforço como um fenômeno histórico e parafraseando Marx acrescenta: "só existe uma ciência, e esta ciência é a história", mas "a História a que me refiro não é uma disciplina tal qual é ensinada nas escolas: É uma concepção filosófica a respeito da matéria").

No segundo artigo, Vânia Rúbia Vlach, professora de Geografia da UF — Uberlândia, procura apontar o grau de comprometimento da Geografia Tradicional com a ideologia do nacionalismo-patriótico tão cara para a constituição do Estado-nação. Considera que "a ausência de uma reflexão epistemológica em seu interior explica a presença ainda forte da geografia tradicional no ensino de 1.º e 2.º graus", onde o livro didático constitui o "principal instrumento de reprodução deste conhecimento compartimentado, inútil e mnemônico".

No texto: "O Método e a Práxis" José Willian Vezentini (autor também de excelentes livros didáticos de Geografia) retoma a polêmica Geografia Tradicional X Geografia Crítica. Alerta para "o ridículo e o simplismo" de se associar a Geografia Tradicional ao positivismo, esquecendo as determinações históricas (especialmente duas: o Estado-nação e o sistema escolar) responsáveis pelo surgimento da Geografia Moderna no século XIX. Para Vezentini, a atual crise da Geografia estaria, da mesma forma, ligada não apenas às "polêmicas e questionamentos metodológicos, mas fundamentalmente a mudanças sociais e ao enraizamento histórico do discurso e das práticas geográficas".

A Geografia Crítica, conforme destaca Vezentini, tem seu ponto de partida na sociedade e "é em função da dinâmica social que se deve explicar a natureza hoje, e não pelo caminho inverso". O autor prossegue desfazendo com clareza alguns equívocos que têm marcado o ensino da Geografia, particularmente dividida entre o estudo da natureza e da sociedade.

O texto seguinte, escrito por Nelson Rego — professor da UFRGS — tem como título "A unidade (divisão) da Geografia e o sentido da prática". Para ele, o avanço da denominada Geografia Crítica tornou, no mínimo, embaraçoso falar de espaço sem falar das pessoas". Ocorre que a unidade da ciência geográfica que pretende analisar simultaneamente a sociedade e a natureza é ameaçada pela dificuldade de se utilizar o mesmo método para abranger as duas instâncias. Este é o tema central do ensaio de Nelson Rego, discutindo uma questão que tem aflorado ultimamente com muita frequência nas discussões geográficas e que pode levar (quem sabe?!) à cisão da Geografia.

No 5º artigo "Análises dos Planos de Ensino de Geografia", Nídia Nacib Pontuschka, professora de Prática de Ensino em Geografia da FE-USP, apresentou o resultado de uma análise de planejamentos de professores da Rede Estadual (SP), na habilitação Magistério. Através da análise dos planos de Geografia, a autora depara, primeiramente, com a constante indefinição do perfil do professor de 1ª a 4ª séries que os cursos de Magistério desejam formar.

Quanto ao ensino de Geografia, os planos revelam que os professores no Magistério trabalham um conteúdo de caráter acentua-

damente naturalista e fragmentado e, por ser naturalista, a Geografia desconsidera a História, minimizando a sociedade e o seu tempo. Ao privilegiar a Geografia Física, os professores passam aos alunos a imagem da Geografia como estudo da natureza, desconhecendo o fato de que o espaço natural é "extremamente modificado pela ação dos homens que vivem divididos em classes sociais". Observa também que a grande maioria dos livros didáticos para uso dos alunos citados pelos professores, trabalham o conteúdo da disciplina de forma bastante tradicional, positivista, o que dificulta a reflexão sobre a realidade espacial.

Tais constatações são importantíssimas para o levantamento da realidade escolar na área da Geografia e evidenciam quanto os debates acadêmicos em torno de uma Geografia Crítica estão distantes das escolas de 1ª e 2ª graus.

O texto "Para a construção do espaço geográfico" que leva o mesmo título da dissertação de Mestrado, defendida na Fundação Getúlio Vargas/IESAE por Tomoko Lyda Paganelli, trata do processo de construção dos conceitos de espaço e de tempo ao nível da ciência e do desenvolvimento da criança. A autora, a partir de pontos de aproximação entre as teorias de Marx e Piaget, levantados no Livro *Justiça Social e Cidades* do geógrafo inglês David Harvey, chega a uma concepção de "espaço quadridimensional" indissociável do tempo e destaca o aspecto construtivo do conhecimento que dá ao aluno condições de atuar como sujeito deste processo.

Finalizando, menciono ainda o tema "Poluição das águas internas do Paraná por agrotóxicos", apresentado por um grupo de técnicos ligados à SUREHMA, no Paraná. Embora não se refira diretamente à problemática educacional, o assunto se reveste de importância vital por apresentar os níveis de contaminação por agrotóxicos que comprometem a qualidade das águas e consequentemente a saúde da população.

Por tudo que foi apontado, parece evidente a contribuição que esta excelente revista pode trazer àqueles que, militando no ensino da Geografia, se preocupam com o papel social da escola e buscam a renovação de suas lições.

Raquel M: Fontes do A. Pereira